

JORNADA PARA **STAR WARS: O DESPERTAR DA FORÇA**

STAR WARS™

A MISSÃO DO CONTRABANDISTA

UMA AVENTURA DE
HAN SOLO E CHEWBACCA

TEXTO

GREG RUCKA

ILUSTRAÇÕES

PHIL NOTO

TRADUÇÃO

ANDRÉ CZARNOBIAI

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © & TM 2015 Lucasfilm Ltd.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Smuggler's Run

DESIGN Jason Wojtowicz

PREPARAÇÃO Gabriela Ubrig Tonelli

REVISÃO Huendel Viana e Luciana Baraldi

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Rucka, Greg

A missão do contrabandista: uma aventura de Han Solo e Chewbacca / Greg Rucka; ilustrações Phil Noto; tradução André Czarnobai. — 1ª ed. — São Paulo: Seguinte, 2015.

Título original: Smuggler's Run.

“Jornada para Star Wars: O despertar da Força”

ISBN 978-85-65765-80-0

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica 1. Noto,
Phil. II. Título.

15-07620

CDD-813.0876

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção científica: Literatura norte-americana 813.0876

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

| | |
|----------------------|----------|
| PRÓLOGO | 9 |
|----------------------|----------|

PARTE UM

| | |
|------------------------------------|----|
| 1. Esperando para partir | 25 |
| 2. O orgulho do DSI | 41 |
| 3. O que poderia dar errado? | 55 |
| 4. Interrogatório | 67 |

PARTE DOIS

| | |
|--|-----|
| 5. <i>Miss Fortune</i> | 81 |
| 6. À captura..... | 95 |
| 7. Atitudes completamente desesperadas | 107 |
| 8. Rebelião salva pelo wookiee | 115 |

PARTE TRÊS

| | |
|---|-----|
| 9. Sem erros, sem escapatória | 135 |
| 10. Um pouco de esperança | 147 |
| 11. O controle da <i>Vehement</i> | 161 |
| 12. Tentando fazer algo nobre | 169 |

| | |
|----------------------|------------|
| EPÍLOGO | 187 |
|----------------------|------------|

The background features a large, dark gray circle on the left side, containing a faint, stylized illustration of a face with leaves or branches for hair. To the right of this circle is a large, jagged shape composed of numerous thin red horizontal lines. The overall composition is abstract and modern.

PARTE
UM

1

ESPERANDO PARA PARTIR

O wookiee soltou um suspiro grave e encarou a meda-lha na palma da mão. Nos humanos parecia sólida e substancial, feita para ser pendurada no pescoço. Mas se ele fechasse a mão poderia escondê-la completamente. Era bonita, com uma flor estilizada gravada às pressas, talvez para evocar o emblema da República. No centro, um sol nascendo no horizonte, simbolizando uma nova esperança que crescia graças à vitória sobre o Império Galáctico, assim como a destruição da Estrela da Morte.

Ele suspirou mais uma vez, enfiou o prêmio dentro da bolsa pendurada na bandoleira com munições da balestra, e se inclinou para a frente para espiar fora da cabine da *Millennium Falcon*. Rebeldes corriam pelo hangar para cima e para baixo, preparando-se para uma evacuação às pressas. A base em Yavin 4 estava, para dizer o mínimo, comprometida. Com a destruição da Es-

trela da Morte, ia levar no máximo um dia — talvez menos — para a frota imperial chegar e reduzir a pó tudo o que encontrasse pela frente. Embora ainda estivessem empolgados com a vitória, os membros do alto-comando da Rebelião eram inteligentes o bastante para não pensar que seriam capazes de repelir ou sequer resistir a um ataque imperial como esse. Os rebeldes tiveram sorte com a Estrela da Morte, e mesmo assim isso teria um custo. Eles não teriam a mesma sorte de novo. O plano, pelo que o wookiee tinha entendido, era o grupo de guerreiros da liberdade se espalhar pela galáxia no máximo de direções possíveis, com o objetivo de se reencontrar novamente no futuro, de preferência em um lugar mais seguro.

Ele bufou para si mesmo, imaginando como os rebeldes esperavam sobreviver. A própria frota deles — e estava sendo generoso ao usar “frota” — já estava devastada. Tudo o que restava na quarta lua de Yavin eram os três caças que tinham sobrevivido à batalha — duas X-Wings e uma Y-Wing —, além de cerca de três dúzias de transportes de vários formatos, materiais e tamanhos, e os veículos já tinham vivido momentos bem melhores dias antes da queda da República.

O wookiee não levava as chances rebeldes a sério.

Mesmo assim, ele entendia o furor deles. Afinal de contas, ele era um wookiee, e sabia o que era paixão. Seu povo tinha orgulho de ter vivido centenas de anos pacificamente nas flores-

tas de sua terra natal, Kashyyyk, até as Guerras Clônicas. Na época ele era mais jovem, com apenas cento e oitenta anos, e lutara contra os droides de batalha dos separatistas. O wookiee havia testemunhado a traição dos clones e o início do Império. Ele tinha visto seu povo, seus irmãos e irmãs, sua família, serem acorrentados e vendidos como escravos por toda a galáxia. Ele próprio havia sido acorrentado, e só a lembrança já fazia um rugido surgir em sua garganta.

Então ele entendia a Rebelião. Na verdade, estaria lutando ao lado dos rebeldes se não fosse por duas coisas: o corelliano e a nave. Ele não abandonaria nenhum dos dois. Estava conectado a ambos, assim como estavam conectados a ele.

Han Solo não tinha parecido muito confiável na primeira vez em que se viram. Ele falava rápido e se mostrara presunçoso, até mesmo arrogante. Parecia mais interessado em cuidar de si mesmo do que dos outros. “Egocentrismo esclarecido” foi como Solo mesmo descreveu.

— Se eu não me preocupar com o meu bem-estar, ninguém vai fazer isso por mim, parceiro — ele havia dito.

Mesmo com tudo isso, Solo provara que o wookiee estava errado quando os dois se refugiaram na Orla Exterior para sobreviver em meio a caçadores de recompensas, piratas e colegas contrabandistas que tentavam descolar uns trocados trabalhando para os hutts. Provara que estava errado várias vezes, e se o

wookiee havia aprendido alguma coisa sobre seu amigo e parceiro, era que não havia como adivinhar com o que um corelliano se preocuparia e nem por quê. Apesar de toda pose e presunção, Han Solo tinha um coração de ouro assim como as medalhas que todos receberam pela participação na recente batalha.

O comunicador no painel de controle acendeu uma luz azul e começou a emitir sua melodia estranha. Em outras naves, o comunicador simplesmente assobiaria sem parar para chamar atenção, mas a *Falcon* não era, nem jamais tinha sido, como as outras naves. Era apenas mais uma de suas idiossincrasias, mais uma das coisas que o faziam amá-la tanto.

Essa, é claro, era a segunda razão: a nave.

Quando o garoto de Tatooine, Skywalker, tinha visto a *Falcon* pela primeira vez em Mos Eisley, ele a descrevera como uma “lata-velha”. Solo tinha levado para o lado pessoal, mas o wookiee conseguia entender por que Luke tivera aquela impressão. Ele não concordava, claro, mas entendia. A *Falcon* parecia um cargueiro corelliano YT-1300 qualquer, e devia haver milhares, senão centenas de milhares deles circulando pela galáxia. A cabine, por motivos que ninguém além dos designers das Indústrias Corell poderia entender, ficava a estibordo, projetada em um ângulo esquisito em vez de ter sido colocada no centro. Os motores eram muito vigorosos para o tamanho da nave, mas os controles eram tão sensíveis que chegavam a ser paranoicos, o

que significava que ela era temperamental e precisava de um piloto *e* de um copiloto para manobrá-la durante o voo. E mesmo assim havia o risco de ela ficar descontrolada caso os dois operadores não soubessem exatamente o que estavam fazendo.

Essas eram características comuns a todos os modelos da série YT-1300.

Mas a *Falcon* apresentava essas características exponencialmente mais fortes. Ela estava deformada, amassada, precisava de uma pintura e de manutenção quase constante. Pelo menos metade do dinheiro que eles ganharam fazendo serviços para Jabba, o Hutt, ou seja quem fosse tinha sido usado para comprar novas peças e combustível. Ela bebia combustível como se estivesse perambulado pelo mar das Dunas sem água. Os emuladores de gravidade tinham uma tendência irritante — e, francamente, preocupante — de parar de funcionar durante manobras muito fechadas, o que mandaria os passageiros voando pela cabine caso não estivessem usando o cinto de segurança. Os múltiplos computadores da nave que trabalhavam para manter tudo funcionando em harmonia não haviam apenas desenvolvido seus próprios dialetos ao longo dos anos, como também pareciam brigar entre si algumas vezes. Isso sem falar do estado dos estabilizadores de fluxo de íons ou do jeito que os compensadores de aceleração Duvo-Pek pareciam não compensar coisa nenhuma e, ainda por cima, fazer exatamente *o contrário*.

Ah, mas ela era *veloz*.

Era a nave mais veloz na qual o wookiee já havia voado, e que já tinha *visto*. Ela cortava o espaço e a atmosfera como se tivesse sido feita para aquilo e, sentados lado a lado, ele e Solo podiam fazê-la dançar de maneiras que deixariam os projetistas em Corellia de queixo caído. Os dois haviam modificado quase todas as peças — dos parafusos ao propulsor principal — para obter mais potência e velocidade. Eles a haviam desmontado e remontado mais vezes do que o wookiee era capaz de contar; e todas as vezes que faziam isso, a *Falcon* os recompensava dando mais em troca, incentivando-os a levá-la sempre além dos limites.

Ele amava aquela nave.

Estendendo o braço comprido, o wookiee deu um tapa no botão piscante do comunicador e rosnou uma saudação, perguntando por que Solo estava demorando tanto.

— Meu Deus, Chewbacca! Onde foi que você aprendeu a falar essas coisas?

O wookiee riu. Não era Solo falando, mas o droide de protocolo.

— O capitão Solo quer que você o encontre na sala de reunião.

O wookiee franziu a testa e rosnou em resposta.

— Não faço ideia do porquê — C-3PO respondeu. — Ele disse que você precisa se juntar a ele imediatamente porque a

princesa não aceita um não como resposta, e o capitão acha que seria mais convincente se você fosse com ele.

O wookiee sorriu, especialmente porque sabia que ninguém estava vendo. A princesa e Solo viviam se estranhando desde a primeira vez que se viram. Isso explicava muita coisa. Chewbacca e Solo deviam ter ido embora mais de uma hora antes para seguir de volta a Tatooine. Entre a recompensa por resgatar a princesa da Estrela da Morte e o pagamento prometido pela viagem a Alderaan, o wookiee e seu amigo tinham dinheiro mais que suficiente para quitar as dívidas com Jabba. Era dinheiro suficiente até mesmo para voltar às suas graças, fazendo com que o hutt suspendesse a recompensa que havia oferecido pela cabeça dos dois. Mas isso só funcionaria se eles levassem o dinheiro até Jabba. Se os caçadores de recompensas os capturassem antes, seria uma situação completamente diferente.

Jabba não era muito gentil com quem lhe devia dinheiro. Ele tiraria a liberdade deles e, quem sabe, suas vidas, mas tiraria a *Falcon* com certeza. O wookiee não gostava de nenhuma dessas possibilidades. Ele tinha certeza de que Solo gostava ainda menos.

O wookiee latiu alguma coisa para C-3PO, bateu outra vez no botão do comunicador e levantou do assento em um pulo. Encolheu como de costume para conseguir sair da cabine, balançando os cubos da sorte que ele tinha pendurado ali de brin-

cadeira havia alguns anos. Só existia uma coisa capaz de fazer Han Solo se atrasar na hora de ir embora: uma garota bonita.

O wookiee tinha de admitir que estava curioso para descobrir o que a garota bonita queria.

— Não faço parte disso! — disse Han Solo. — Não faço parte da sua rebelião, não sou um guerreiro da liberdade e não trabalho para você, alteza!

A princesa Leia Organa de Alderaan deu dois passos rápidos para a frente e inclinou a cabeça para trás a fim de encarar o contrabandista. Se o quase meio metro a mais de altura que Solo tinha a impressionava, Leia não demonstrava. Ela ergueu o dedo indicador na direção do contrabandista como se quisesse enfiá-lo no olho.

— Se você trabalhasse pra mim, já teria sido demitido.

— Se eu trabalhasse pra você, alteza, teria pedido demissão.

— Solo cruzou os braços, certo de que dera a última palavra.

A princesa permaneceu imóvel por um momento, lançando um olhar que Han tinha certeza que levava às lágrimas seus oponentes no dissolvido Senado imperial. Uma das rebeldes ocupada desmontando a sala de controle saiu de fininho, carregando equipamentos e evitando, com muito cuidado, qualquer tipo de contato visual. Durante a batalha, aquela sala estava abarrotada de monitores acompanhando a aproximação implacável da Es-

trela da Morte à lua de Yavin, alto-falantes transmitindo a conversa dos pilotos enquanto caça após caça era abatido. A base, pelo que Solo tinha entendido, havia sido construída num templo para os deuses dos povos mortos e esquecidos de Yavin 4. Os rebeldes o encontraram e o transformaram no centro de suas operações. Com a retirada, o templo voltaria a ser o que era: um legado dos mortos e esquecidos.

Um droide de serviço bem abatido passou rangendo e carregando um dos monitores. Leia aproveitou aquilo como uma desculpa para encerrar a competição de encaradas, virando o rosto sem nem disfarçar sua expressão de desgosto. Ela estava zangada e não tinha medo de demonstrar, e Solo precisava admitir que irritá-la lhe dava certo prazer. Ela era tão previsível. Ela era, sem dúvida, uma das mulheres mais bonitas que Han Solo já tinha visto e, vindo dele, isso realmente significava alguma coisa, já que tinha visto boa parte da galáxia e de suas mulheres bonitas. O fato de ela ser esperta, corajosa — e talvez, por causa de sua posição na Rebelião, um pouco suicida — e saber se defender tão bem só a tornava mais atraente para ele. Ela também era tão teimosa quanto um gundark, e ele também gostava disso. Na verdade ele quase gostava dela, especialmente depois de tudo que tinham passado juntos com o garoto e o velho.

Mas não havia a menor chance de ele dizer isso a *ela*, especialmente quando Leia estava tentando pressioná-lo a até mesmo

morrer por uma causa que não lhe dizia respeito e da qual Solo não queria participar.

Uma das portas da sala de controle improvisada se abriu e, enquanto um trio de soldados levava mais equipamentos, o wookiee Chewbacca entrou, abaixando a cabeça para passar. Solo foi avistado pelo parceiro, que acenou discretamente para cumprimentá-lo.

A princesa Leia observou o wookiee se aproximar e parar ao lado de Solo, e então virou para encarar o contrabandista mais uma vez.

— Pessoas vão morrer — ela disse simplesmente, encarando Han com aqueles olhos castanhos que pareciam capazes de enxergar tudo.

— Eu não conheço essas pessoas — disse Solo.

Por um instante, apenas um instante, ele viu a decepção na expressão da princesa e sentiu algo perigosamente próximo de culpa.

— Deixa eu perguntar uma coisa — Leia disse ao wookiee. Ela apontou para Solo. — Tem um coração batendo ali dentro ou só um cofre onde ele guarda dinheiro?

Chewbacca bufou e em seguida inclinou a cabeça, encarando Solo. O wookiee latiu.

— Ah, não — disse Solo. — Você não ouviu o que ela quer que a gente faça, Chewie. Vá em frente, vossa brilhante majes-

tade. Conte a ele sobre essa missãozinha suicida que você tirou aí da sua manga.

— Não é uma missão suicida, não se você seguir o plano à risca — ela respondeu.

Leia acionou o controle do monitor principal, um dos poucos equipamentos que ainda permaneciam ligados na sala, e somente porque precisaria de pelo menos meia dúzia de droides para tirá-lo dali. A tela se iluminou, exibindo um mapa da galáxia. Ela mexeu no controle novamente, e dessa vez o monitor respondeu rápido, mostrando a Solo e Chewbacca uma versão menor do mapa, recalculando as escalas diversas vezes até centralizar em uma parte da Orla Exterior. Com um último toque num botão, o mapa congelou, exibindo um sistema de seis planetas.

— Cyrkon, na Orla Exterior, no limite do Espaço Hutt — disse Leia, apontando o segundo planeta mais próximo do sol do sistema. — Fora da esfera imperial, de modo que várias pessoas como vocês circulam por lá.

Chewbacca deu uma fungada.

— Ela quis dizer contrabandistas — disse Solo.

— Não, eu quis dizer criminosos — retrucou Leia.

Chewbacca ergueu uma sobrancelha.

— O problema da Rebelião é que não temos recursos — continuou Leia, observando a projeção. — E o que temos nunca

é o suficiente. Precisamos estar sempre em movimento. Nós estamos lidando com isso agora, com essa evacuação, vocês estão vendo. O Império tem *tudo*: todos os recursos, todas as tropas, todos os espiões. Para sobreviver, não devemos estar apenas um ou três passos à frente. Precisamos estar cinco passos à frente. Precisamos de planos de contingência. Não só saber pra onde vamos daqui, mas pra onde poderemos ir se a primeira ideia estiver comprometida, se der algum problema. Precisamos de opções.

— Se você está planejando esconder a Rebelião em Cyrkon, vai ser por pouco tempo — disse Solo. — Muito perto dos hutts. Eles vão te entregar em um segundo.

Ela parou de observar o mapa e lançou outro olhar devastador para Solo.

— Obrigada, capitão, por esse brilhante conselho estratégico. — Ela voltou a encarar o mapa. — Cyrkon não será a localização da próxima base rebelde.

— Você é mais esperta do que parece.

Ela o ignorou e mexeu mais uma vez nos controles. O mapa deslizou para o lado, e uma nova imagem apareceu. O holograma de um humano com cerca de vinte anos convencionais. Solo não o reconheceu.

— Este é o tenente Ematt, líder dos Picanços. — Leia fez uma pausa, encarando o holograma. — Os Picanços são uma equipe especial de reconhecimento da Rebelião. É uma equipe

pequena, e a missão deles é muito simples. Eles são responsáveis por identificar e preparar novos lugares para a Rebelião, tornando-os seguros. Eles compilam os lugares. Eles escolhem os pontos de encontro. Eles exploram todas as opções.

— É uma grande quantidade de informações delicadas para alguém saber — disse Solo.

— Sim. E também é uma das únicas maneiras que temos para permanecer em segurança. Quanto menos pessoas conhecem um segredo, menos pessoas podem revelá-lo.

Chewie concordou.

— Mas ele sabe, Han. Entende? Ematt sabe não só para onde estamos indo, mas para onde *podemos ir*. Ele sabe os pontos de encontro. Sabe de nossas armas escondidas, alimentos e remédios. Ele sabe de tudo.

Solo assentiu. Alguma coisa estava azedando em seu estômago, como se tivesse comido alguma coisa que não devesse. Ele tinha um mau pressentimento sobre aquilo.

— Os Picanços foram encurralados pelo Departamento de Segurança Imperial em Taanab — continuou a princesa. — Ematt escapou da emboscada, mas o resto da equipe foi morto. Ele conseguiu fazer uma transmissão clandestina para nos contar o que tinha acontecido, que ele conseguira escapar e estava a caminho de Cyrkon. Mas o DSI está na cola dele, e Ematt está sozinho e desprotegido.

Chewie bufou de leve. Tanto ele quanto Solo sabiam o que viria depois.

— A *Falcon* é a única nave rápida o suficiente para chegar a Cyrkon a tempo. — Ela acionou os controles mais uma vez e as imagens desapareceram. Leia virou para encará-los, primeiro Chewie e depois Han. — Se o DSI capturar Ematt, os imperiais descobrirão tudo. Vão torturar Ematt. Vão drogá-lo. Será o fim da Rebelião.

Ela não estava mais zangada. Não estava suplicando nem implorando. Ela estava apenas olhando para eles, para Solo e para o amigo dele, esperando. Leia havia apresentado seus argumentos.

Solo preferia quando ela estava zangada.

Chewbacca soltou uma sequência curta de rosnados que culminou num rosnado intenso.

— Pense bem nisso, Chewie. — Solo o encarou, surpreso. O wookiee fungou.

— Você devia me apoiar, não ficar do lado dela! — Solo balançou a cabeça.

O wookiee fungou mais uma vez.

Solo não conseguia acreditar naquilo.

— Ela está nos pedindo para voar até um sistema no limite do Espaço Hutt para resgatar um cara que talvez já esteja morto. Isso sem falar que o DSI está atrás dele! E sem falar que Cyrkon está cheio da pior escória que essa galáxia pode oferecer. E sem

falar que Jabba está distribuindo senhas para caçadores de recompensas virem atrás de nós, se é que ainda não os enviou...

Chewbacca rosnou e latiu.

— Eu sei que é a Orla Exterior! Sei que é nosso caminho, mas mesmo que a gente consiga buscá-lo vamos ter que levá-lo até o ponto de encontro, senão não vai ser um resgate de verdade. Essa guerra não é nossa, parceiro!

Dessa vez o wookiee ficou em silêncio, apenas encarando Solo com seus olhos azuis.

Leia o encarava também.

Solo deu um suspiro. *Certas batalhas você simplesmente não tem como vencer*, ele pensou.

— Vamos precisar da senha, qualquer que seja, para que Ematt nos reconheça — disse Solo. Ele tentou não soar muito petulante.

Leia sorriu como se soubesse o tempo todo que ele ia aceitar. Solo fechou a cara.

— E espero ser pago por isso — ele acrescentou.